Lições de um sistema insensível

O duro aprendizado dos rebanhos dizimados na Europa faz surgir um novo conceito de produção pecuária

DIRCEU J. DUARTE TALAMINI

Alavancada por questões ambientais e de sanidade dos rebanhos, a crise no setor primário europeu abala insistentemente a confiança do consumidor, que se pergunta por que serão necessários tantos subsídios para manter, em seus próprios países, sistemas de produção agrícola que não conseguem atender a suas expectativas.

ONGs em ação

O objetivo do consumidor europeu consciente é consumir alimentos saudáveis com o mínimo risco à saúde; que sejam produzidos sob os conceitos de respeito ao ambiente e ao bem-estar animal, de preferência oriundos de unidades de produção estruturadas nos moldes de organização familiar.

A questão do preço de prateleira ainda causa impacto mas vai sendo substituída pela consciência coletiva do consumidor, que sabe que é ele quem sustenta os produtores rurais.

O modelo europeu de produção agrícola foi porém perdendo as características desejáveis e se tornou alvo de críticas, que hoje partem principalmente das organizações não-governamentais políticas e de classes, com forte influência na tomada de decisões em épocas de crise.

Criticam-se as formas de produção cada vez mais intensivas e de maior escala, com observância mínima da etologia e das necessidades de conforto dos animais. Em muitos casos registram-se também reclamações dos movimentos de defesa da ecologia e do ambiente, bem como contra a presença de plantas transgênicas.

A questão da exclusão dos produtores é sentida pelo consumidor europeu de uma forma diferenciada da nossa: afinal, é esse mesmo consumidor que, indiretamente, através do Estado, garante a renda dos excluídos do sistema.

Brasil: a hora e a vez de crescer

A pressão das ONGs gera alterações substanciais na condução das políticas que regem a produção de alimentos na Europa, influenciando o abastecimento, a comercialização e os preços em nível mundial. As políticas tradicionais para o setor, que têm sua base de sustentação fundamentada no período de pós-guerra, serão substituídas; o setor de produção agrícola europeu deve perder grande parte de seu poder devido à maior influência dos consumidores.

A perda de competitividade em função da redução nos subsídios para o setor terá como conseqüência a queda das barreiras na comercialização de produtos agrícolas. Tal situação favorece os países com capacidade e vocação para produzir e exportar produtos agrícolas, que sejam também tecnicamente capazes de garantir qualidade de forma competitiva, isto é, de forma duradoura e sustentável.

O rico mercado consumidor europeu e dos demais países desenvolvidos determinará como os sistemas de produção agropecuários vão operar. Nesse momento a pesquisa e a difusão de tecnologia terão importante papel a cumprir no setor agropecuário brasileiro em um prazo muito curto.

Europa: o que é preciso mudar

As duas crises sanitárias que assolam de forma simultânea a Europa

surpreendem e servem de exemplo, antes de mais nada pela falta de agilidade para controlar situações desconhecidas e imprevistas, como é o caso da encefalopatia espongiforme bovina, a conhecida doença da vaca louca. Essa ausência de agilidade é resultado da falta de rastreabilidade nos rebanhos, tanto no que se refere ao histórico dos animais quanto às condições de produção, em especial ao tipo e origem da alimentação dos plantéis.

Em segundo lugar, espantam a intensidade e velocidade de contaminação das granjas no caso da febre aftosa, crise aguda que causou um rápido colapso no sistema de produção de carne e leite e impediu a livre comercialização da produção agrícola nas regiões afetadas.

Urge que se estabeleça um novo modelo de organização do complexo agropecuário, pautado por transparência e rastreabilidade, implicando novas responsabilidades para os técnicos e produtores. Novas tendências tecnológicas devem ser incorporadas pelos sistemas produtivos.

Para manter o sistema em funcionamento e assegurar a presença no mercado, cada componente da cadeia produtiva, individualmente, deve adotar e incentivar mudanças em conceitos vitais e tratar de criar diferenciais de qualidade importantes para a competição nos mercados.

A mudança de conceitos inclui a substituição do implacável modelo de redução dos custos e aproveitamento de resíduos da produção animal por um modelo orientado pela biossegurança e qualidade na produção, garantindo a ausência de resíduos no produto final. Está implícito que a qualidade de que o consumidor necessita tem um custo que estará embutido no preço final de cada produto.

Os novos pressupostos

Outras alternativas vêm da nova tecnologia – a tecnologia verde ou ecológica, que contrasta com a revolução verde de três décadas passadas, embora seja uma conseqüência inseparável dessa. Gradualmente os antibióticos e as demais drogas promotoras de produção na nutrição animal serão substituídos pelos compostos bioestimuladores e biorreguladores extraídos de plantas.



O objetivo do consumidor europeu hoje é consumir alimentos saudáveis com o mínimo risco à saúde; que sejam produzidos sob os conceitos de respeito ao ambiente e ao bem-estar animal, de preferência oriundos de unidades de produção estruturadas nos moldes de organização familiar.

A indústria química, fornecedora de insumos para a produção animal, passará a buscar fundamentos em sua condição de co-responsável pela qualidade do produto final da cadeia produtiva.

A responsabilidade dos programas de pesquisa e desenvolvimento está centrada em alguns pressupostos:

- desenvolvimento e avaliação de sistemas de produção animal alternativos e viáveis, pautados em risco sanitário mínimo, incluindo o controle dos ingredientes que compõem a dieta dos animais;
- redução máxima dos riscos de contaminação externa das granjas;
- produção conforme a etologia e atendimento ao bem-estar animal;
- pesquisa de alimentos para substituir os ingredientes de origem animal, o uso de enzimas, flora de exclusão competitiva e probióticos;
- manejo adequado dos resíduos da produção animal e dos recursos hídricos.

Nesse sistema de produção, o elemento humano deve receber atenção especial, tanto na capacitação quanto na própria qualidade do ambiente e condições de trabalho a que é submetido.

A existência de uma base tecnológica sólida e uma boa estrutura de pesquisa e transferência de tecnologia são agora o centro da competitividade dos negócios da agricultura.

O potencial da agricultura brasileira é imenso e é necessário dotar o país, através de parceria e cooperação entre os setores públicos e privados, de estruturas sólidas de desenvolvimento e transferência de tecnologia. O exemplo de outros países indica os elevados retornos econômicos e sociais desses investimentos.

Dirceu J. Duarte Talamini é chefe-geral da Embrapa Suínos e Aves.

O autor agradece a contribuição dos pesquisadores da Embrapa Suínos e Aves Jorge Ludke e Jonas Irineu dos Santos Filho.